



## MIGRAÇÕES POLÍTICAS NAS NARRATIVAS DE MILTON HATOUM E GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

### POLITICAL MIGRATIONS IN NARRATIVES BY MILTON HATOUM E GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

<https://doi.org/10.46551/2179679320200008>

José Luís Jobim

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

jjobim@id.uff.br  <https://orcid.org/0000-0002-0271-6665>

**RESUMO:** Neste nosso trabalho, pretendemos focar dois autores brasileiros que trataram da questão das migrações políticas: Milton Hatoum e Godofredo de Oliveira Neto. Como veremos, Hatoum, principalmente em seus romances amazônicos, enfocou a vida de imigrantes árabes na Amazônia, e recentemente aponta, em *A noite da espera*, primeiro romance de sua mais recente trilogia, para a questão da migração por razões políticas, de que já havia tratado em um conto publicado anteriormente. A migração por razões políticas é também o tema do outro romance de que trataremos aqui, *Amores exilados*, de Godofredo de Oliveira Neto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Milton Hatoum; Godofredo de Oliveira Neto; migrações políticas.

**ABSTRACT:** In this article, the aim is to focus on two Brazilian authors who have dealt with the theme of political migrations in their work: Milton Hatoum and Godofredo de Oliveira Neto. As we will see, Hatoum, principally in his Amazon novels, focuses on the lives of Arab immigrants in the Amazon region, and in *A noite da espera*, the first novel in his most recent trilogy, deals with the question of migration for political reasons, a subject he had centred on in a previously published short story. Migration for political reasons is also the theme of another novel that will be examined here, *Amores exilados* [Exiled Loves], by Godofredo de Oliveira Neto.

**KEYWORDS:** Milton Hatoum; Godofredo de Oliveira Neto; Political Migrations.

### 1. Introdução

Nos estudos literários, principalmente a partir do século XIX, tem-se adotado critérios nacionalistas para julgar a literatura. Portanto, não é nenhuma novidade considerar os espaços geográficos, especialmente aqueles que se configuraram como territórios nacionais, como base para a produção de um tipo de conhecimento que associa populações humanas (e suas produções artísticas)



a áreas delimitadas. No entanto, hoje há também uma preocupação cada vez maior com a circulação humana nos diversos espaços de nosso planeta, especialmente com as migrações, que sempre foram um tema fascinante para a literatura.

Um bom exemplo de autor com esta preocupação é Ottmar Ette, que em seu livro *Transarea – A Literary History of Globalization*, usa o termo *transárea* para referir-se a movimentos situados entre diferentes áreas (Caribe, Maghreb, Sudeste da Ásia), enfatizando mais a circulação humana do que o território em que ela se dá, em contraste com o conceito de *área*, utilizado nos assim chamados *areastudies*, o que me parece uma contribuição muito interessante, especialmente porque visa a colocar em perspectiva interrelações em uma escala mais planetária, sem necessariamente considerar a Europa como o ponto central a partir do qual a perspectivização se dará. Assim, quadros de referência e terminologias anteriores, nos quais o colonialismo e suas consequências se articulavam, frequentemente codificados em pares binários – como *desenvolvido/subdesenvolvido*, por exemplo–, podem ser evitados, e pode ocorrer uma abertura para outras conexões (sul-sul, por exemplo).<sup>1</sup>

Evidentemente, se priorizarmos os movimentos das populações em vez do território onde ocorrem, os resultados não serão os mesmos. Não há como negar que os sentidos dados a um território são de alguma forma derivados das contribuições das diversas populações que por ele passaram e nele deixaram suas marcas. Assim, se os diversos espaços do mundo são de algum modo desenvolvidos e moldados pelos movimentos relacionados a eles, então as migrações produziram, produzem e produzirão sentidos, em sua movimentação, para todos os territórios percorridos no movimento migratório. Isso produz um contraste acentuado com posições “nacionalistas” que tinham como pressuposto básico a existência de uma “terra mãe”, e a partir deste pressuposto elaboravam uma série de argumentos sobre pertencimento (ou não) a uma nacionalidade delimitada geograficamente, criando imaginários sobre o “estrangeiro”, o que veio

---

<sup>1</sup> Recentemente, Wail Hassan (2018) também trouxe uma contribuição para o tema, ao analisar o caso da inserção da literatura árabe nas universidades norte-americanas.



de outros lugares, o (i)migrante.<sup>2</sup>

Se os espaços surgem quando são usados pelas diversas populações humanas, de acordo com suas culturas, em movimentos geograficamente delimitados, certamente é problemática qualquer pesquisa de área geocultural que não levem em conta os movimentos e migrações humanas que ocorrem nela e através dela, razão pela qual é importante a posição de Ottmar Ette<sup>3</sup>: deixar de fora o *movimento*, em pesquisas sobre áreas, é deixar de fora a vida.

Neste nosso trabalho, pretendemos focar dois autores brasileiros que trataram da questão das migrações políticas: Milton Hatoum e Godofredo de Oliveira Neto. Como veremos, Hatoum, principalmente em seus romances amazônicos, enfocou a vida de imigrantes árabes na Amazônia, e recentemente aponta, em *A noite da espera*, primeiro romance de sua mais recente trilogia, para a questão da migração por razões políticas, de que já havia tratado em um conto publicado anteriormente. A migração por razões políticas é também o tema do outro romance de que trataremos aqui, *Amores exilados*, de Godofredo de Oliveira Neto.

Nas obras que vamos analisar, há personagens que fizeram dois tipos diferentes de migração: *permanente* ou *temporária*. A migração *permanente* é aquela em que o movimento do personagem em direção a um novo território tem um caráter mais duradouro, e na qual se interpreta que o sentido do *movimento* está relacionado ao lugar visto como destino final. A migração *temporária* é aquela em que o movimento é feito para um destino que não é visto como final – no caso das narrativas que analisaremos, o foco será a migração temporária de militantes políticos de esquerda para a França, durante os anos de chumbo da ditadura militar brasileira.

## 2. Milton Hatoum

Milton Hatoum é um dos autores contemporâneos de língua portuguesa que tem maior circulação internacional, e isto se deve, pelo menos, a dois fatores: a

<sup>2</sup> Não vou desenvolver aqui esta questão, mas já falei sobre isto mais detalhadamente em: Jobim, José Luís. Nacionalismo e globalização. In: *Formas da teoria*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2003. p. 19-66.

<sup>3</sup> OTTMAR ETTE, 2016, p. 32.



qualidade de sua escrita e a escolha dos temas de suas narrativas.

No que diz respeito à circulação da obra, sabemos que são poucos os críticos que levam em conta o fato de a circulação para além do seu lugar de origem depende não apenas de um suposto valor “intrínseco” dela, mas também de muitas outras coisas, entre as quais a relevância ou não do tema da obra para os novos lugares em que vai ser lida.

Essa relevância é medida pelos valores predominantes no espaço de reapropriação da obra, valores pelos quais ela pode ser considerada importante ou não. O fato de Hatoum ser um dos escritores contemporâneos de língua portuguesa mais traduzidos internacionalmente significa, portanto, que sua obra trata de temas considerados relevantes em outros países. Vejamos um exemplo.

Se considerarmos somente a língua inglesa, que abrange internacionalmente um grande número de leitores, e também serve de base privilegiada para traduções em outras línguas, temos os seguintes títulos traduzidos: *The Brothers* (Dois irmãos); *Orphans of Eldorado* (Órfãos do Eldorado); *Ashes of the Amazon* (Cinzas do norte); *Tale of a Certain Orient* (Relato de um certo Oriente). Todos estes livros, de uma maneira ou de outra, tematizam a região amazônica, região de origem do autor, que é também foco de vivo interesse de movimentos internacionais ecológicos e ambientalistas muito populares. Isso explica por que o tradutor de *Cinzas do norte* fez questão de tirar qualquer possível ambiguidade na tradução do título, substituindo *norte* por *the Amazon*. Algo semelhante já tinha ocorrido com outro escritor amazônico, Márcio Souza, que teve seu *Galvez, imperador do Acre* traduzido como *The Emperor of the Amazon*, provavelmente para tornar mais claro ao leitor anglófono que o estado brasileiro do Acre fica na Amazônia...

O último da série de romances amazônicos de Hatoum foi *Órfãos do Eldorado*. Talvez para enfatizar a ligação com a Amazônia, no posfácio, o próprio autor declara que a narrativa teria relação com uma história do interior do Amazonas que seu avô lhe contara, evocando o mito amazônico da Cidade Encantada. Ou seja, a voz autoral aparece para confirmar a autenticidade amazônica do livro, abrindo as portas para beneficiar-se também do movimento global ecológico, muito embora a “cor local” em seus romances amazônicos esteja muito longe de ser o foco principal de interesse para seus narradores.



Além disso, Hatoum se beneficia da onda multiculturalista internacional, ao explorar o universo de imigrantes árabes que tentam adaptar-se ao contexto “estrangeiro”, filão literário também explorado com maestria por outro autor brasileiro, Raduan Nassar, igualmente descendente de imigrantes libaneses e vencedor do prêmio Jabuti (como Hatoum) e do prêmio Camões. Ambos tiveram obras adaptadas para o meio audiovisual, mas Hatoum permanece mais midiático, inclusive pela colaboração regular em grandes jornais brasileiros, ao contrário de Nassar, que escolheu ter uma vida mais reclusa.

Hatoum, é bom que se diga, não se limita a estas duas temáticas, pois é um romancista que, entre outras coisas, também explora o veio clássico das relações familiares e das consequências destas relações na formação e na transformação humana, o que tem apelo universal, independente da nacionalidade dos autores. Intencionalmente, também evita fazer inventários detalhistas de paisagens, flora e fauna amazônica, fugindo da chave da “cor local”, vigente na literatura da Amazônia pelo menos desde *Simá; romance histórico do alto Amazonas*, de Lourenço da Silva Araújo Amazonas (1803-1864) – romance cheio de descrições da região nomeada no título, originalmente publicado no Recife, em 1857<sup>4</sup>.

Quando entrevistado em 2000, já dizia que, desde o tempo dos viajantes europeus que escreveram sobre aquela região, a literatura de temática amazônica sempre tinha sido muito descritiva, privilegiando continuamente os aspectos visuais, e fazia a pergunta: por que a Amazônia não pode ter narrativas cujo foco não esteja na descrição, mas no drama humano?<sup>5</sup> Como toda pergunta retórica, esta já tinha a sua resposta na direção que escolheu para seus romances, pelo menos até *Órfãos do Eldorado*: deixar a região amazônica mais como pano de fundo para a ação dos personagens, dando destaque ao drama humano, não à paisagem em que este se insere.

Evidentemente, na trama de seus romances amazônicos, nem sempre as coisas são assim tão simples. Em *Relato de um certo Oriente*, por exemplo, a mistura de culturas e línguas é apresentada também como um fenômeno de apagamento de fronteiras que teria como paralelo a imensidão da floresta

<sup>4</sup> Cito aqui a segunda edição revista: Amazonas, Lourenço da Silva Araújo (2003): *Simá; romance histórico do alto Amazonas*. Organização Tenório Telles e apresentação de Neide Gondin. Manaus: Editora Valer/ Governo do Amazonas.

<sup>5</sup> <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/o-evangelho-de-hatoum-por-antonio-goncalves-filho-valor-28-de-julho-de-2000>, acessado em 04/02/2018.



amazônica, na qual fronteiras são uma invenção humana, em contradição com a continuidade do verde. A própria noção de família, com seus problemas e conflitos (Omar e Yaqub, em *Dois irmãos*, são uma reelaboração do tema de Esaú e Jacó), no ciclo amazônico de Hatoum, não coincide com a família nuclear tradicional, mas incorpora as relações com adotados e agregados, além dos amigos e vizinhos. O narrador de *Dois irmãos* é fruto do estupro de uma empregada, e se cria sob a proteção do pai do estuprador.

Sua última obra, *A noite da espera*, ao mesmo tempo confirma algumas tendências anteriores e traz novidades. A mais óbvia delas é a ausência da Amazônia. Este último romance é apresentado como o primeiro de uma trilogia intitulada “O lugar mais sombrio”, cujo processo de escrita Hatoum declara em recentes entrevistas<sup>6</sup>, ter-se iniciado em 2007, mas passado por vários momentos de dúvidas e alterações, inclusive no que diz respeito à forma: “Pensei em um diário, mas seria difícil, pois o tempo seria longo. Daí pensei em anotações, cartas, algo próximo a confissões e a um romance epistolar. A opção formal foi essa: através de uma estrutura fragmentada, unir esse quebra-cabeça.”<sup>7</sup>

De fato, o romance é estruturado de modo não linear. A história de Martim, o protagonista, é contada em primeira pessoa, através de pequenos segmentos de texto, encabeçados por títulos que os situam geográfica e temporalmente em dois tempos e lugares diferentes: Brasília, final da década de sessenta e Paris, final da década de setenta (Asa Norte, Brasília, 1969; Rua d’Aligre, Paris, março, 1978 etc.). O expatriado, na capital francesa, recorda sua vida de estudante na capital do Brasil, durante a fase mais pesada da ditadura militar.

O narrador Martim fornece uma explicação material para a aparente heterogeneidade do texto: esta seria derivada do material que lhe teria servido de base (cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos). Sinteticamente, o narrador explica seu processo ficcional de escrita: “Comecei a datilografar os manuscritos, anotações intermitentes, escritas aos solavancos: palavras ébrias num tempo salteado.”<sup>8</sup>

Já o autor, Hatoum, no que diz respeito ao conteúdo do livro, afirmou em

<sup>6</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1928748-escritor-amazonense-lanca-obra-cujo-pano-de-fundo-e-a-repressao-militar.shtml>

<sup>7</sup> <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,milton-hatoum-volta-ao-romance-e-a-ditadura-militar-em-a-noite-da-espera,70002053145>.

<sup>8</sup>HATOUM, 2017, p. 17.



entrevistas que *A noite da espera* não é um romance político, embora a política entre na vida dos personagens, às vezes de forma violenta. Para ele, há paralelos entre este romance, ambientado em Brasília, onde ele viveu entre 1967 e 1970, e o momento atual do Brasil, ou seja, entre o momento pós-golpe militar de 64 e o pós-golpe parlamentar recente.

No clima pós-golpe militar de 64, como se sabe, havia medo e frustração sobre a escassez de soluções à vista para acabar com o regime ditatorial. Martim, como narrador-personagem, demonstra o efeito daquele clima na subjetividade reflexiva de um jovem estudante vivendo na capital do Brasil, nos anos de chumbo, mas o conjunto amplo de tipos que aparecem neste primeiro volume da trilogia fornece uma visão multiperspectivada da atmosfera sociocultural daquele período.

Talvez se possa dizer que alguns aspectos daquela situação ainda estão presentes hoje, no Brasil: por exemplo, a sensação de que há algo no ar além dos aviões de carreira – algo que não se sabe bem o que é, mas se acredita existir, como uma ameaça latente. No caso de Martim, por um lado, as questões latentes passam pela falta da mãe, pela presença problemática do pai, pelas dúvidas nas relações afetivas e sexuais de adolescente, pela ausência de respostas a perguntas que ele se faz e faz a outros personagens; por outro lado, toda experiência individual de Martim é marcada pelo pano de fundo da violência da ditadura militar em pleno funcionamento, ou seja, trata-se de uma experiência que está materialmente articulada ao regime de repressão e silenciamento, gerador de uma atmosfera permanente de ameaça surda que passou a ser parte constitutiva das vidas dos brasileiros – algo que se acredita estar lá, mesmo quando não se tem a evidência concreta de sua existência, e que, portanto, não pode ser ignorada. É sintomático, portanto, que a avó escreva para Martim, quando este já vivia em Paris, perguntando: “Você fugiu de alguma coisa, uma ameaça?”<sup>9</sup>

De fato, Martim estava longe de ser um ativista político, e suas anotações em Paris aceitam a pecha de covardia pela sua não participação mais efetiva em ações contra a ditadura. Ele já tinha sido preso antes (seu barquinho a remo atracou sem permissão em área restrita da capital...), e seu pai, um apoiador do regime militar, tinha advertido: “Se você for preso mais uma vez, só Deus vai te

---

<sup>9</sup> HATOUM, 2017, p. 38.



libertar.”<sup>10</sup>

A mãe, com quem Martim desejava morar (mas que o mandou viver com o pai, em Brasília) é uma figura presente, mesmo quando está ausente fisicamente. Não é à toa que Martim está lendo *A educação sentimental* de Flaubert, enquanto espera em Brasília uma visita da mãe, a qual, tal como a personagem Madame Arnoux no romance francês, não comparece ao encontro. Em vez de culpar sua mãe pelas ausências, ou por tê-lo abandonado por um novo casamento, Martim escolhe suspeitar que o pai, simpatizante da ditadura, foi o elemento motivador do afastamento dela: “O que esse homem esconde de mim?”<sup>11</sup> De fato, essa pergunta fica sem resposta objetiva, como ficam muitas outras que Martim faz, em relação a seus relacionamentos afetivos com sua namorada, seus amigos ou os parentes deles. Serão respondidas nos próximos romances da trilogia? Ou a falta de respostas continuará alimentando as dúvidas? Em entrevista ao jornal *El País*, Hatoum disse que os próximos volumes se passarão em São Paulo e Paris. Vamos ter de aguardar o lançamento deles, para poder avaliar melhor o papel que o primeiro volume tem na estrutura da trilogia.

De todo modo, em *A noite da espera*, Hatoum consegue elaborar bem um clima geral de suspeitas, parte integrante daquele período histórico, contaminando desde as relações sociais até as relações pessoais no Brasil. Quanto a Paris, anunciado como cenário de um dos próximos volumes da trilogia, Hatoum já havia escrito em forma breve sobre a vida de exilados naquela capital, na época da ditadura, no conto “Bárbara no inverno”, publicado na coletânea *A cidade ilhada* (2009), no qual apresenta um casal de exilados em Paris, Bárbara e Lázaro, em sua relação com a comunidade de latino-americanos expatriados e franceses simpatizantes. A personagem do título, acossada pelas suspeitas de traição do marido com outras mulheres daquela comunidade e cada vez mais isolada socialmente, arruína seu relacionamento com Lázaro e termina se suicidando, na volta ao Brasil, após a confirmação de que o marido, de fato, tinha uma relação com outra mulher da comunidade diaspórica brasileira em Paris. É interessante assinalar aqui que aquele conto já apresentava um certo parentesco com o romance de Godofredo de Oliveira Neto, *Amores exilados*, traduzido para o

<sup>10</sup> HATOUM, 2017, p. 51.

<sup>11</sup> HATOUM, 2017, P.131.





francês e sucesso de crítica e público (a tradução francesa já está já na segunda edição), trazendo uma visão sobre as práticas daquela comunidade, que se instalara em Paris, mas permanecia ligada permanentemente aos acontecimentos no Brasil, em uma espécie de dicotomia entre a existência física francesa e espiritual brasileira, como no caso de Bárbara e Lázaro. Lázaro, aliás, é também o nome de um dos protagonistas do romance de Oliveira Neto, originalmente publicado em 1997, com o título de *Pedaço de Santo*, e depois republicado com o novo título, *Amores exilados*.

Como se trata do primeiro volume de uma trilogia anunciada, seria inadequado falar sobre *A noite da espera* como autônomo, pois, se ele se bastasse a si mesmo, não haveria necessidade dos outros que foram anunciados. Assim, este livro nos deixa aguardando os próximos volumes da trilogia, com a expectativa de que pelo menos um vai tematizar a comunidade diaspórica brasileira que se formou em Paris, nos anos de chumbo. Tal como nos aponta o título deste primeiro volume, ficamos todos à espera.

### **3. Godofredo de Oliveira Neto**

*Amores exilados*<sup>12</sup> foi originalmente publicado em 1997, com o título de *Pedaço de Santo*, e depois republicado em 2011 com o título atual. O novo título parece mais condizente com o conteúdo do romance, já que a obra trata de relações amorosas em uma comunidade de exilados brasileiros de esquerda em Paris.

Neste romance de Godofredo de Oliveira Neto, o pano de fundo para o enredo é a migração de ativistas brasileiros de esquerda para a França, ou, mais especificamente, para Paris, no final dos anos sessenta e início dos setenta. Era uma imigração que não significava ruptura com o país de origem, pois tratava-se de imigrantes que se consideravam em geral como exilados por tempo determinado (ou seja: enquanto durasse a ditadura), e não como expatriados permanentes.

Em outras palavras, os militantes da esquerda brasileira não iam para lá pensando em ficar para sempre, ao contrário de outras levas de imigrantes que já

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *Amores exilados*. Rio de Janeiro: Record, 2011.



saíam de seus países pensando em não voltar nunca mais, pelas mais diversas razões. Mesmo aqueles militantes que acabaram permanecendo na França, pelo resto de suas vidas, geralmente, não pensavam que iriam ficar definitivamente, quando se mudaram para lá. Todos queriam, isto sim, fugir da ameaça da ditadura militar brasileira, no momento em que esta articulava uma repressão em grande escala à oposição, incluindo prisões secretas, tortura e assassinatos.

Nesse quadro, Paris significava, entre outras coisas, um lugar em que poderiam sobreviver e rearticular-se para agir. Por consequência, embora estivessem fisicamente na França, os exilados frequentemente estavam com o pensamento voltado para o Brasil. Individualmente, é claro, as atitudes variavam conforme cada um:

A solidão em alguns, a estranha alegria em outros, e a angústia na maioria. O universo dos exilados era esse. A insegurança psicológica ou levava a abraçar com exagerado ardor o país do exílio ou a abominá-lo. “Na França, graças à arte e às lutas do povo através do tempo, existe um humanismo que faz deste país o berço da tolerância.” “Eu não acho, se assim fosse, o povo não teria essa frieza toda e esse mau humor. O povo brasileiro é muito mais tolerante e caloroso. No Brasil puta goza”<sup>13</sup>.

Em Paris, as reuniões periódicas em grupo, para discutir e avaliar o contexto, eram parte deste movimento de sintonia com a terra natal. Nestas reuniões, os exilados procuravam entender aquele momento histórico, para poderem propor ações que julgassem mais adequadas. Tratava-se, portanto, de uma comunidade que tinha sido obrigada a deixar seu país de origem, mas queria retornar a ele. Isto a diferenciava de outros tipos de comunidades de imigrantes que tinham rompido definitivamente com a sua sociedade original, para integrar-se de forma irreversível à sociedade francesa.

Como os militantes de esquerda imaginavam que poderiam voltar ao Brasil no futuro, após a queda ou o abrandamento do regime autoritário, era comum reunirem-se para discutir as questões políticas mais candentes do momento, entre si e com parceiros franceses e de outras nacionalidades, muitos acreditando que a própria discussão já era um modo de ação, ou de reflexão sobre como agir. *Amores exilados*, neste sentido, fornece aos saudosistas ou aos curiosos um

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 51.



mapa dos lugares públicos dos encontros da esquerda exilada em Paris (*Maison de l'Amérique Latine*, *Maison du Brésil* na Cidade Universitária, *Mutualité*, biblioteca do Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne) e dos que apoiavam os encontros (grupos humanitários franceses, a Igreja, os partidos de esquerda franceses). Fornece também um quadro interessante das relações transnacionais da esquerda, e das grandes discussões e avaliações feitas na segunda metade dos anos sessenta e na primeira dos anos setenta do século passado. Como não poderia deixar de ser, essas discussões e avaliações tinham como foco um cenário que era também transnacional:

“O golpe de estado de Barrientos na Bolívia e de Castelo Branco no Brasil – aliás, não é uma coincidência que tenha sido no mesmo ano –, a intervenção americana em São Domingos no ano seguinte e o golpe de 1966, na Argentina, por Onganía, foram feitos a partir da política de coexistência pacífica entre a burocracia stalinista e o imperialismo americano declarada em 63”, ensinava, didático, Jorge, com sotaque paranaense. “A união PC/PS<sup>14</sup> no Chile é uma traição ao movimento camponês e operário; a revolução das massas foi barrada”, acudia Mário, do Rio. Para alguns, ainda, a CGT<sup>15</sup>, na Argentina, fazia meia com a burguesia e com o imperialismo. Falou-se de política europeia. “Já há quatrocentos mil desempregados na França”, alguém informou. A criação de um Ministério do Meio Ambiente em 71 no governo francês provava, para todos os presentes, que os ecologistas estavam sendo completamente cooptados pela direita.<sup>16</sup>

No entanto, *Amores exilados* não tem nenhuma pretensão épica, nem apresenta quadros panorâmicos grandiosos da militância de esquerda. Bem ao contrário, a estratégia do autor é outra: colocar em destaque um triângulo de personagens principais – Fábio, Lázaro e Muriel –, mostrando a participação deles nas atividades da Aliança Socialista Libertadora, organização que pegara em armas contra a ditadura, e o efeito em suas subjetividades do contexto geral da época e dos eventos gerados pelas atividades da organização, sem cair em maniqueísmos nem reducionismos.

A narrativa começa com Fábio, exilado brasileiro e estudante universitário em Paris, pensando em sua namorada francesa, Muriel... mas não somente nela:

<sup>14</sup> Partido Comunista/ Partido Socialista.

<sup>15</sup> Confederação Geral do Trabalho.

<sup>16</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 28.



Fábio Antônio Nunes dos Santos pensava em Muriel, banho de espuma, revolta popular, guerrilha, exílio, identidade brasileira e utopias enquanto subia os últimos degraus que faltavam para alcançar a calçada de asfalto e os paralelepípedos da *Place d'Italie*.<sup>17</sup>

Ele também é um “sonhador supersticioso” (p. 10), que não parece estar muito convicto de seus próximos passos na vida, tanto que faz um jogo mental com a subida da escadaria: subiria os degraus de dois em dois, e, se não sobrasse nenhum ao final, largaria a luta armada no Brasil e trataria de viver sua própria vida; se, ao contrário, sobrasse um degrau, continuaria na militância política. A mistura de assuntos diferentes na cabeça do personagem e a sua disposição de deixar o acaso determinar seu futuro já indicam uma certa falta de engajamento consistente nas decisões a serem tomadas.

Nascido em Florianópolis, Fábio é descendente de emigrados europeus pobres, portugueses açorianos – o pai, marceneiro; os tios, pescadores –, e sua militância política ocorreu após a entrada no curso de Ciências Sociais. Depois de trancar a matrícula na Universidade para aderir a um grupo armado, a Aliança Socialista Libertadora, que o envia para atuar no Rio de Janeiro, Fábio seguiu o roteiro de muitos outros em sua geração: “(...) expropriação bancária em nome da revolução social, prisão, fuga, exílio em Paris<sup>18</sup>.”

*Expropriação bancária* era o nome que os grupos de resistência armada à ditadura militar davam às ações de ataque a bancos, para conseguir fundos que financiassem suas atividades, e foi durante uma *expropriação* que Fábio atirou em um homem, adquirindo um sentimento de culpa pela destruição da vida de um inocente, que vai acompanhá-lo pelo resto de sua vida. Além da culpa, Fábio carrega consigo a suspeita de que seu amigo e companheiro da Aliança Socialista Libertadora, Lázaro, o trai com a francesa Muriel, por quem Fábio está apaixonado.

Muriel, apelidada de *melusina*, situa-se entre Fábio e Lázaro, respectivamente atual e ex-namorado, e é personagem crucial do enredo. O apelido dado por Lázaro, referindo-se à figura feminina nua, misto de sereia e

<sup>17</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 9.

<sup>18</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 33.



serpente, remete no imaginário ocidental à sedução e ao pecado<sup>19</sup>. O interesse dela por dois brasileiros, a quem namorou consecutivamente, explica-se por ter-se graduado em Português na Universidade de Paris III, onde foi excelente aluna. Muriel tinha um passado misterioso, do qual ela não falava, envolvendo dúvidas sobre quem seria seu pai (um foragido grego?), sobre uma mãe assassina e sobre sua adolescência libertina, e fazendo crescer as suspeitas de Fábio sobre a companheira. Suspeitas agravadas pelo fato de Lázaro – o ex-namorado brasileiro, também amigo de Fábio e militante exilado em Paris – ter uma presença cotidiana na vida do casal: “Lázaro que, segundo todas as opiniões femininas, fazia tremer de desejo as mulheres de qualquer idade, o exemplo perfeito da mistura ibérica e africana<sup>20</sup>.” Fábio imagina, inclusive, que o nome sussurrado por Muriel enquanto fazem amor não é o dele, mas o de Lázaro<sup>21</sup>.

Entre Muriel, Lázaro e a militância de esquerda contra a ditadura, no Brasil, equilibra-se precariamente o inseguro Fábio, pronto para imaginar tanto uma vida no futuro com Muriel quanto uma traição dela com Lázaro no presente; tanto uma vida cotidiana “normal” na França quanto o engajamento em luta armada no seu país.

Fábio, por sua insegurança, é capaz de atribuir suas decisões não a uma reflexão própria sobre o contexto em que se insere e as pessoas que o cercam, mas ao jogo do acaso, como o que faz, no início da narrativa, subindo os degraus da escadaria. Além de sua falta de convicções profundas nas razões de sua militância política, ele apresenta sintomas de uma certa paranoia que certamente tinha algo a ver com o temor de ser pego nas engrenagens da máquina repressiva ditatorial, mas que contaminava suas relações pessoais, gerando desconfiança em relação às pessoas. Ele é o personagem principal da trama, embora o autor tenha adotado uma técnica de introduzir perspectivas e vozes diferentes, para contar a história a partir de diversos ângulos.

Já Lázaro é o protótipo do negro sensual por quem todas as mulheres se interessam. Embora tenha participado da luta armada, como militante de esquerda, é também um personagem dividido. Do mesmo modo que Fábio, pensa

<sup>19</sup> “Sim, Muriel seduzia, as pernas pecavam, os lábios pecavam, o andar pecava, os olhos, a saliva, a voz, porra!” (p.22)

<sup>20</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 22.

<sup>21</sup> “Ela passou a dizer coisas baixinho, que Fábio tentava adivinhar. Era um nome comprido, tina uma sílaba a mais que o dele. Só podia ser o de Lázaro!” (p. 25)



em largar a militância e ter uma vida “normal”, mas acaba se envolvendo em mais uma expropriação, mesmo já não acreditando em uma solução armada para derrotar a ditadura. Embora compartilhe com Fábio os dilemas sobre o que fazer de sua vida, dividida entre a militância e o desejo de “normalidade”, Lázaro tem um outro problema a enfrentar: o preconceito racial. No Brasil, Lázaro já era alvo preferencial de qualquer batida policial, mas na França descobriu que também havia um certo direcionamento de ações policiais para a parte da população local que tinha sua cor de pele. Isso significava que, em qualquer dos dois países, ele era mais visado do que Fábio. E em Paris, enquanto Fábio tinha oficialmente o estatuto de refugiado político, inclusive recebendo uma bolsa do governo francês, Lázaro era um imigrante ilegal, sem documentos, o que tornava sua situação ainda mais vulnerável. Por isso ele desabafa com seus companheiros:

– Eu vou ser preso, porra, eu vou ser preso! E ninguém aqui vai se preocupar com isso, eu sei muito bem. Aqui só tem branco ou mulato com alma de branco. Eu sou negro! Eu sou negro! A polícia daqui só pede documentos no metrô pra mim, pra vocês nunca! Vocês são um bando de filhos da puta, tudo riquinho.<sup>22</sup>

Fábio, Lázaro e Muriel eram frequentadores assíduos das reuniões do grupo da Aliança Socialista Libertadora, nas quais sempre havia discussões políticas acaloradas, mas também espaço para outras coisas. O clima aberto à diversidade das reuniões mudaria com a chegada de novos exilados, vindos do Chile, por diversas razões.

Como se sabe, o Chile foi um dos destinos preferenciais da esquerda brasileira, não somente pela proximidade geográfica, mas principalmente pela vitória eleitoral de Salvador Allende, que governou o país entre 1970 e 1973, quando um golpe militar o assassinou e instalou uma das ditaduras militares mais sangrentas da história das Américas. Para os brasileiros que viviam em terras chilenas, foi o momento de fugir para sobreviver, e então o grupo parisiense da Aliança Socialista Libertadora incorporou cerca de vinte novos militantes, vindos do Chile, entre os quais Sarinha e Alex. Esta dupla teve um papel decisivo no enredo, pois passou a atuar nas reuniões cobrando mais “seriedade” dos militantes exilados. Esta “seriedade” incluía uma espécie de “moralização” sexual,

---

<sup>22</sup>OLIVEIRA NETO, 2011, p. 96.



cujo alvo preferencial era o presumido triângulo entre Fábio, Muriel e Lázaro. O pressuposto era que a falta de “seriedade” seria responsável pela distração dos militantes com coisas que não eram a atividade fim da ASL:

Um pouco mais de seriedade para uma gente que começava a só tomar Ricard, comer *brie*, se entupir de vinho, dançar *rock* como se dança quadrilha e a empregar palavras francesas. Até aí tudo bem. Mas que também afrouxava a tensão ideológica e se deixava embalar por sexo, diversões e futilidades. “Esse cara, o Lázaro, por exemplo, é o protótipo do alienado babaca, não sei o que fez no Brasil, o Fábio deve ser parecido. Se alguém contasse que dois sujeitos como eles são militantes de uma organização de extrema esquerda ninguém acreditaria; só se fossem personagens de um romance.”<sup>23</sup>

Sob a liderança de Sarinha e Alex, o grupo se transforma: “Os dois puseram ordens em vários aspectos. Horário de chegada nas reuniões, moderação no álcool durante os encontros, disciplina e objetividade nas ‘falações’. Nada de filosofês e psicologês. Nada de haxixe<sup>24</sup>.”

Parece que Sarinha e Alex acreditavam estar lembrando a todos que a configuração do grupo e de suas práticas enquanto tal implicava a adesão de cada um de seus membros ao sentido básico que justificava a existência do grupo: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Desse sentido básico é que alegadamente derivariam todos os outros. Assim, na produção de argumentação por eles, a defesa de normatização do comportamento sexual é apresentada como contribuição na esfera prática para reger condutas que poderiam ser suscetíveis a ter uma significação que viesse a ser prejudicial àquela luta armada.

Claro, no caso de uma organização como a Aliança Socialista Libertadora, a invariante normativa era condição imprescindível para a ação armada, pois é difícil, por exemplo, imaginar uma ação coletiva de *expropriação* bem sucedida em que cada um dos agentes atuasse de acordo com seus próprios instintos, sem seguir um plano prévio no qual cada um soubesse a parte individual que lhe caberia na totalidade coletiva da ação. Contudo, no que diz respeito à sexualidade, postular uma “moralização” no grupo poderia ser entendido como a extensão de uma normatividade, vigente em um campo onde era necessária, para outro, em que era contingente. Muriel, neste sentido, encarna a contingência: ela

<sup>23</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 116.

<sup>24</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 119.



ção é brasileira, não pertence à Aliança Socialista Libertadora (embora seu atual namorado e seu ex pertençam), e não está submetida aos tipos de controle a que os outros estão. De algum modo, ela representa o incontrolável, o contraponto à coerção do grupo, a abertura para o que não se sabe, o desejo sem limites, associada ao feminino. Seu mistério é de ordem constitutiva, e não accidental. Não se vai resolver o enigma de Muriel, porque Muriel é o enigma.

Por um lado, entende-se que numa ação armada coletiva as ações parciais de cada um subordinam-se à ação total (razão pela qual a submissão de cada participante à lógica e necessidade dessa totalidade pode ser compreendida). Por outro lado, fica no ar a questão: - A que se subordina o comportamento sexual? Pelos conflitos gerados no grupo, a tentativa de produzir uma justificativa para regramento, ainda que apenas da parte mais visível, dos comportamentos ligados à sexualidade dos seus membros parece mais um problema do que uma solução, já que (diferentemente da *expropriação*) não há ação coletiva que justifique este regramento, mas apenas alegações sobre danos à imagem do grupo, supostamente gerados por práticas “desviantes” da regra imaginada – e é bom lembrar aqui que o grupo toma por verdadeiro um triângulo amoroso negado por dois de seus participantes (Lázaro e Muriel).

De todo modo, as propostas de suspensão voluntária de determinados comportamentos referentes à sexualidade, ou de abertura limitada do campo do desejo (ou seja: abertura restrita somente àquilo que é bem visto na estrutura normativa da Aliança Socialista Libertadora), embora sejam fadadas ao fracasso, têm consequências na vida do grupo. Se a decisão grupal sobre qual ação armada deve ser executada visa a tornar irrelevantes as subjetividades dos que vão praticá-la (porque a referência ao objetivo comum está acima das diferenças), isto não impede estas subjetividades de estarem sempre ativas, mesmo quando são desconsideradas em suas especificidades.

No grupo, entretanto, ao se estabilizarem as preferências, julgamentos e modos de encaminhar as coisas, torna-se possível para cada membro interiorizá-los como parâmetro de ação coletiva, e propor a exclusão de quem não segue o parâmetro. Depois da entrada de Sarinha e Alex, Fábio e Lázaro passam a ser sempre criticados, mesmo que indiretamente, e sutilmente convidados a sair (“Tem gente que entrou pro movimento por acaso, talvez nem quisesse. Acontece.





Se quiserem sair, é normal, podem sair).”<sup>25</sup> Lázaro, incomodado com a sugestão de expurgo, traz à baila a ação armada de que participou com o amigo no passado (mas em cuja eficácia não acreditava mais). É sempre ele quem responde, de forma direta, às indiretas lançadas contra ele e Fábio: “– Não tem nenhum filho da puta aqui que teve que matar gente expropriando bancos, lutando pela Aliança Socialista Libertadora. Só eu e o Fábio. E agora o que eu estou ouvindo é um processo sorrateiro de expurgo (...).”

Os acusadores não assumem que estão acusando e desculpam-se, dizendo tratar-se de um mal-entendido, mas o grupo percebe claramente que a sugestão para se afastarem da ASL refere-se à dupla de amigos. O interessante, nesta situação, é que nenhum dos dois acredita mais que a única solução para derrotar a ditadura é a luta armada, como prega a ASL, mas parece que ambos, de alguma forma, internalizam como parte de suas respectivas identidades o pertencimento àquele grupo, pois produzem constantemente, em reuniões, argumentos para continuar nele.

Fábio e Lázaro parecem ter incorporado ao conjunto das disposições duráveis, pelas quais se reconhecem a si mesmos e aos outros, o seu pertencimento ao campo ideológico da esquerda, embora não mais necessariamente como compartilhadores das ideias que uniam os membros da ASL. Mas no mundo de Fábio e Lázaro, há também uma certa introjeção de valores da esquerda armada, que inclui a demonização de “desvios” individualistas – o “desvio” sendo aquilo que questiona ou vai contra a norma supostamente implantada, a ser seguida obrigatoriamente por todos os membros.

A “moralização” sexual, por sua vez, já significava condenações veladas ou declaradas ao que não fosse ortodoxo. No caso de Fábio, Lázaro e Muriel, partia-se do pressuposto de que as suspeitas de Fábio eram fundadas, e de que havia um triângulo amoroso consentido e continuado, que alegadamente prejudicaria a “imagem” da Aliança Socialista Libertadora, permitindo à ditadura divulgar que “a esquerda é formada por um bando de irresponsáveis desordeiros, mulherengos, cachaceiros e venais”<sup>26</sup>.

O conflito derivado da “moralização” sexual tem seu ápice quando Muriel,

<sup>25</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 122.

<sup>26</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 117.



em uma reunião, é confrontada por Sarita, que considerou inaceitáveis suas roupas e comportamento sensual, e a expulsou da reunião, chamando-a de “vagabunda”, talvez porque, como diz o narrador: “Militante de esquerda em reunião de partido tem uma quase obrigação oficial de ser meio assexuado. Pelo menos da boca pra fora (p. 127).” O episódio gerou discussão entre os presentes, e Lázaro, como sempre, foi quem verbalizou de modo mais contundente seu ponto de vista, atribuindo culpa à acusadora, Sarinha, antes de se retirar com Muriel: “– Ela [Muriel] não fez porra nenhuma. Sarinha é complexada porque é feia e mal-amada<sup>27</sup>.”

A quem as roupas e o comportamento de Muriel ameaçavam? A Sarinha? À própria razão da existência do grupo, desviando a atenção dos militantes do foco principal do grupo, a luta armada? Fábio não a defendeu, nem a acompanhou quando ela saiu da reunião com Lázaro, mas a paranoia em relação à possível traição aumentou cada vez mais, até se transformar em violência contra Muriel, que o abandona.

Nesse ponto, agrava-se a derrocada de Fábio. Ao mesmo tempo, ocorrem o afastamento de Muriel e a demanda por uma expropriação a ser praticada no Brasil, para a qual, no grupo parisiense da Aliança Socialista Libertadora, apenas dois membros tinham “experiência” anterior: Fábio e Lázaro.

É interessante, então, observar a evolução do processo de tomada de decisão sobre esta ação armada, que começa com a contestação de Lázaro sobre serem eles os agentes designados para fazer o assalto a banco, e segue com a de Fábio:

- Não é assim, não! Vai e pronto! Eu não sei se estou preparado pra ir, se quero ir e se concordo realmente com esses métodos. E assaltar banco lá no Brasil, por quê? Por que lá?

Fábio completou.

- Me pergunto se essa é a melhor estratégia de luta. Fica um bando desligado da sociedade, pegando em armas e achando que vai transformar o mundo. Concordo com o Lázaro. A organização tem de respeitar a opção de vida das pessoas, as relações pessoais que vão sendo criadas, o preparo psicológico para as ações.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 127.

<sup>28</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, p. 132.



Na discussão, também são utilizados por Sarinha argumentos normativos - ordens vindas da ASL brasileira são para ser cumpridas sem discussão: “Há uma indisciplina muito grande na ASL – Paris. Às vezes parece uma zona<sup>29</sup>.” O narrador resume a situação de Fábio e Lázaro, reagindo no grupo contra a atribuição a ambos da tarefa de assaltar o banco no Brasil, descrevendo-os como pássaros que cantam para um público interessado em uma música diferente da deles<sup>30</sup>. No final, os dois acabam aceitando a missão.

O processo de convencimento de Fábio e Lázaro é facilitado pelo fato de que o grupo da ASL entrou na composição das disposições duráveis de ambos: eles, mesmo que inconscientemente, se identificam como membros da organização, e justificam para si mesmos e para os outros a submissão à vontade da maioria criando argumentos: “A oportunidade de rever o Brasil seduzia, quem sabe até voltar a viver lá clandestinamente. Não se tratava de uma questão de firmeza, eram dúvidas, apenas dúvidas, mas se todos concordavam<sup>31</sup>!”

É importante aqui fazer uma pausa para refletir sobre um aspecto desta situação: o fato de o grupo contar com Lázaro e Fábio para fazerem a expropriação significa que ele acredita na permanência em ambos de uma determinação para cumprir o que prometeram, não importando quaisquer alterações pessoais de opinião ou de ânimo que pudessem afetar essa determinação. Significa que o grupo presume que todos se reconhecem e estão engajados em um certo pacto ético, pelo qual Fábio e Lázaro estariam voluntariamente submetidos à resolução grupal e a cumpririam, ainda que nela não acreditassem. E, de fato, eles não acreditam, mas constroem justificativas para sua participação na expropriação.

O retorno ao Brasil e a preparação da ação são pontuados por dúvidas e memórias do passado. No caso de Lázaro, persistem as questões sobre a adequação daquela ação armada tanto ao momento do país quanto ao seu momento pessoal; mas no caso de Fábio, além daquelas questões, são intensas as dúvidas sobre a natureza da relação entre Lázaro e Muriel. Embora ambos, em momentos diferentes, tenham negado ter tido relações sexuais depois de Fábio ter substituído Lázaro como namorado de Muriel, a paranoia de Fábio o leva a

<sup>29</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, P. 141-142.

<sup>30</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, P. 143.

<sup>31</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, P. 143.



descartar as negativas, ou a considerá-las como sinal de que efetivamente ele foi traído.

Mesmo com todas essas questões, os dois militantes se unem a outros companheiros da ASL e a uma equipe recrutada no morro do Adeus, e executam o ataque ao banco. Fábio, descontrolado emocionalmente, quase estraga tudo, mas a ação se completa com sucesso. Parece que tudo vai acontecer conforme o previsto, o dinheiro é trocado por dólares, e os dois vão ao centro da cidade comprar a passagem de volta a Paris. Então, há a reviravolta. Por causa de um assalto a uma casa de câmbio, no momento em que passavam pelo local, Lázaro é preso. O delegado diz que foi Fábio que apontou com o nariz para ele, o que Fábio nega.

Tendo em vista o estado de Fábio, o leitor pode concluir que tudo é possível, pois há o precedente da ação armada anterior, quando o descontrole emocional dele quase levou ao fracasso da expropriação, e também o ressentimento agressivo dele com Lázaro, atribuindo-lhe uma traição com Muriel, apesar das negativas reiteradas dos supostos traidores. O resultado pode ter sido a produção inconsciente de um gesto (apontar o nariz), depois denegado por Fábio. O próprio Lázaro, quando visitado por Fábio na prisão, não percebeu o gesto, e atribuiu sua prisão a outro motivo: “- Estou preso porque eu sou preto, ouviu, Fábio? É porque eu sou preto. Se fosse branco estava fora, como você (...).<sup>32</sup>”

A deterioração mental de Fábio evolui, depois da prisão de Lázaro, a ponto de ele ligar para Muriel de um orelhão quebrado e contar a esta interlocutora imaginada sobre o primeiro assalto a banco, propondo a Muriel que vivessem em Florianópolis. Ao mesmo tempo, ele a chama de *bernúncia*, animal imaginário do folclore de Santa Catarina, disforme e amedrontador. O estado de conflito interior se estende até o final do romance, quando ele pega um revólver e fica dividido entre a possibilidade de dar um tiro em si mesmo ou disparar no mar, na Praça XV. A última frase do romance não esclarece ao leitor qual foi a opção de Fábio: “O garçom corcunda do restaurante ouviu um estampido surdo<sup>33</sup>.”

A nota final, uma espécie de posfácio ficcional, nos informa que Lázaro foi

<sup>32</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, P. 230.

<sup>33</sup> OLIVEIRA NETO, 2011, P. 238.



libertado em 1977, casou-se e vive no Brasil; Muriel também se casou, com um francês, e dá aulas de Português em uma universidade do sul da França; Fábio nunca foi encontrado...

Para terminar, adiciono aqui algumas breves observações sobre a técnica usada pelo autor. No romance, há uma sofisticada elaboração ficcional, em que a onisciência do narrador é disfarçada. Tanto há a presença da fala direta dos personagens quanto do discurso indireto livre - no qual, como se sabe, o discurso do narrador e o do personagem se complementam em continuidade aparente.

A técnica para articular diversas temporalidades, intercalando no presente de Fábio sua história anterior, sempre com uma dosagem adequada, para manter o foco no enredo principal, também chama a atenção, e constitui elemento fundamental no desenvolvimento da história.

Trata-se, em síntese, de um dos grandes romances político-existenciais da literatura brasileira, pois Godofredo de Oliveira Neto consegue com maestria trazer à cena, ao mesmo tempo, um triângulo amoroso, uma questão racial, a militância armada, a moralidade sexual da esquerda, o exílio... e tudo isso com uma grande distância do épico, longe de pretensões ao grandioso, assinalando as dúvidas e o próprio despreparo dos personagens militantes brasileiros – Fábio e Lázaro – para as atividades que aceitam fazer, mais levados pelas circunstâncias do que por convicções profundas.

## Referências

BRASIL, Ubiratan. Milton Hatoum volta ao romance e à ditadura militar em *A Noite da Espera*. *O Estado de S. Paulo*. 2007, <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,milton-hatoum-volta-ao-romance-e-a-ditadura-militar-em-a-noite-da-espera,70002053145>. Acessado em 20/02/2020.

ETTE, Otmar. *TransArea; a Literary History of Globalization*. New York: De Gruyter, 2016.

GONÇALVES FILHO, Antônio. *O Evangelho de Hatoum*. Valor, 28/7/2000. <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/o-evangelho-de-hatoum-por-antonio-goncalves-filho-valor-28-de-julho-de-2000>. Acessado em 20/02/2020.

HASSAN, Wail. A geopolítica e os paradigmas da literatura comparada americana. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 20, n. 35, 2018. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/491/512>. Acessado em: 5/12/2010

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v.21, n.1, 2020. ISSN: 2179-6793

\_\_\_\_\_. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Bárbara no inverno. In: \_\_\_\_\_. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 63-72.

HENRIQUE BASTOS, Jorge. Milton Hatoum lança livro cujo pano de fundo é a repressão militar. *Folha de S. Paulo*, 21/10/2017. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1928748-escriptor-amazonense-lanca-obra-cujo-pano-de-fundo-e-a-repressao-militar.shtml>. Acessado em 20/02/2020.

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *Amores exilados*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

**José Luís Jobim**, pesquisador do CNPq e Cientista do Nosso Estado (FAPERJ), é Professor Titular aposentado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sendo atualmente Professor Titular na Universidade Federal Fluminense. Entre seus livros mais recentes, podemos citar: *Dialogues France-Brésil – circulations, représentations, imaginaires* (Com M. E. Chaves de Melo e E. Martin. Pau: Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2018), *Portugal segundo o Brasil* (Com Roberto Acízelo de Souza. Lisboa: Theya, 2018), *Literary and Cultural Circulation* (Oxford: Peter Lang, 2017); *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional* (Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013). Este artigo foi finalizado quando o autor ocupava a Chaire dês Ameriques, na Universidade de Rennes 2 (França).

Recebido em 24 de abril de 2020.  
Aprovado em 02 de maio de 2020.